RESUMO
O presente estudo aborda as diferentes formas de Arte para o ensino de alunos com deficiências. Enquanto educadores, reconhecemos que a disciplina de Arte tem como um de seus principais eixos formativos a inserção dos estudantes nas múltiplas linguagens artísticas. A linguagem artística tem se mostrado uma importante aliada na identificação e compreensão de diferentes tipos de deficiências intelectuais. Ao estimular significativamente a autoestima e o desenvolvimento afetivo, a arte contribui para a melhoria das relações interpessoais, facilita a adaptação social e promove avanços positivos no desenvolvimento da cognição intelectual. Nesse contexto, este estudo propõe uma reflexão sobre o ensino de conteúdos relacionados à Arte como recurso para o ensino de indivíduos com deficiência. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com base em autores como Knoener (2006), Gullar (2006) e Martins (2002). Esta pesquisa mostra que a criança pode se expressar por meio da Arte, externando sentimentos, medos e frustrações. A educação mediada pela arte configura-se como um recurso fundamental para o desenvolvimento infantil, possibilitando descobertas significativas a partir da leitura sensível do mundo. Nesse processo, a criança se apropria de diversas linguagens e desenvolve sensibilidade e habilidades para lidar com formas, cores, imagens, gestos, fala, sons e outras expressões. O contato com a obra artística ocorre por meio da mediação de um educador atento e sensível, capaz de criar situações que ampliem o potencial criativo dos alunos. Ao aproximar a Arte das pessoas, possibilita-se não apenas conhecer a Arte, mas também vivenciá-la ativamente em suas produções.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Deficiência; Aprendizagem.

ABSTRACT
This study addresses the various forms of Art used in the education of students with disabilities. As educators, we recognize that the subject of Art has, among its main educational foundations, the inclusion of students in multiple artistic languages. Artistic expression has proven to be a valuable ally in identifying and understanding different types of intellectual disabilities. By significantly stimulating self-esteem and affective development, Art contributes to the improvement of interpersonal relationships, facilitates social adaptation, and promotes positive advances in cognitive development. In this context, the study proposes a reflection on the teaching of art-related content as a pedagogical resource for educating individuals with disabilities. To this end, a bibliographic review was conducted, based on authors such as Knoener (2006), Gullar (2006), and Martins (2002). The research shows that children can express themselves through Art, revealing feelings, fears, and frustrations. Art-mediated education is configured as a fundamental tool for child development, allowing for meaningful discoveries through a sensitive reading of the world. In this process, the child appropriates various languages and develops sensitivity and skills to engage with forms, colors, images, gestures, speech, sounds, and other expressions. The interaction with works of art occurs through the mediation of an attentive and sensitive educator, capable of creating situations that enhance students' creative potential. By bringing Art closer to people, it becomes possible not only to learn about Art, but also to experience it actively through artistic production.

KEY-WORDS: Art; Disability; Learning.

INTRODUÇÃO

Atuando como professora, percebo o quanto precisamos de recursos para trabalharmos com crianças com deficiência.

A arte sempre desempenhou e continuará desempenhando um papel fundamental na construção da relação ativa da criança com o mundo. A possibilidade de escolha da expressão artística é uma característica essencial da arte, pois contribui diretamente para o desenvolvimento da autonomia e da res-

ponsabilidade sobre suas próprias ações.
O estudo busca destacar a importância da disciplina de Arte como potencial para a aprendizagem de alunos com deficiência, como um de seus principais eixos formativos à inserção dos estudantes nas múltiplas linguagens artísticas.
Para desenvolver essa reflexão, a metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica. Dentre os principais teóricos, podemos destacar Knoener (2006), Gullar (2006) e Martins (2002).
É fundamental considerar a necessidade de estímulos específicos para o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo de pessoas com deficiência intelectual, tendo a arte como importante mediadora nesse processo. Assim como outras áreas do conhecimento, a arte visa contribuir para o avanço na construção de um diálogo possível entre todos os que, de alguma forma, se dedicam à criação de práticas voltadas à inclusão social.
A escola contemporânea demanda educadores comprometidos com a promoção do desenvolvimento integral de cada indivíduo, livres de preconceitos e práticas excludentes. A educação inclusiva, nesse contexto, é compreendida como um conjunto de recursos pedagógicos e estratégias de apoio acessíveis a todos os alunos, oferecendo múltiplas formas de atendimento em diferentes espaços – seja em classes regulares, com ou sem apoio de salas de recursos, ou em escolas e classes especiais.

DESENVOLVIMENTO

A arte é uma das formas mais antigas de expressão da humanidade, possivelmente constituindo as primeiras manifestações de interação dos povos primitivos. Pinturas encontradas no final do século passado nas paredes escuras de cavernas — muitas vezes representando animais, figuras humanas, rituais, danças e músicas ancestrais — revelam aspectos dos costumes desses grupos e demonstram que a necessidade de se inserir e se comunicar socialmente é uma característica humana ancestral, como destaca Martins (1998).
A escola é, sem dúvida, uma referência fundamental na vida das pessoas, pois proporciona a experimentação de diversas habilidades, favorece a construção do conhecimento e estimula a transformação social do estudante. O ensino de Artes, em uma perspectiva ampla, oferece aos alunos experiências pedagógicas que promovem o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico.
A Arte assume um papel essencial na formação humana, pois mobiliza a sensibilidade, a expressão e a afetividade. Por sua natureza diferenciada, a arte é fundamental para o desenvolvimento estético, perceptivo e sensível, contribuindo para o prazer de aprender e, consequentemente, para a efetivação da aprendizagem.
Atualmente, o campo da educação especial tem se configurado menos como uma especialidade restrita e mais como uma abordagem voltada às necessidades educacionais dos estudantes. Parte-se do entendimento de que todos os alunos são singulares e que a especialidade, nesse contexto, está mais relacionada à diversidade das situações de aprendizagem e ao desenvolvimento cognitivo do que propriamente às condições específicas dos educandos.
No Brasil, o ensino da Arte teve início no período barroco, sendo fortemente influenciado pelas práticas catequéticas dos jesuítas, marcadas por um caráter didático. Desde então, muitos avanços foram conquistados, e o ensino de arte tem evoluído continuamente, orientando-se por reflexões cada vez mais aprofundadas sobre suas metodologias e práticas pedagógicas. Atualmente, a arte é reconhecida como patrimônio cultural da humanidade, conforme ressalta Knoener (2006), sendo valorizada não apenas como forma de expressão, mas também como elemento essencial à formação humana e ao desenvolvimento social.
A inclusão é um processo que exige a adaptação de toda a sociedade, em seus diversos segmentos, para acolher e atender às pessoas com necessidades especiais. No entanto, o que frequentemente se observa é uma inversão dessa lógica: espera-se que a pessoa com deficiência se adapte à sociedade, e não o contrário. É preciso, portanto, atuar no sentido de assegurar os direitos das pessoas incluídas, especialmente no ambiente escolar, onde a inclusão deve se concretizar de forma mais evidente e efetiva.
No processo educativo de crianças e jovens,

é indispensável que vivenciem e compreendam a função essencial da arte: expressar e comunicar experiências, sentimentos e vivências relacionadas ao seu contexto sociocultural. O acesso ao conhecimento artístico amplia as possibilidades de compreensão do mundo, ao reconhecer a arte como forma legítima de linguagem, expressão e comunicação. Quando estimulada, a linguagem artística favorece o desenvolvimento da percepção, da imaginação, do pensamento criativo e da sensibilidade, tornando-se um agente impulsionador de aprendizagens no trabalho interdisciplinar.

Como área do conhecimento, a arte envolve diferentes linguagens – Artes Visuais, Música, Teatro e Dança – e contempla as dimensões da criação, apreciação e comunicação. Dessa forma, constitui-se como um espaço privilegiado de reflexão e diálogo, permitindo aos estudantes compreender, interpretar e se posicionar diante dos conteúdos artísticos, estéticos, culturais e também das questões sociais que atravessam suas vivências.

Pessoas com deficiência, assim como qualquer outro estudante, possuem a necessidade de expressar seus sentimentos de maneira própria, muitas vezes por meio de formas não convencionais. A ausência de atividades artísticas pode comprometer seu equilíbrio emocional. Em contrapartida, quando bem orientadas, as práticas artísticas contribuem significativamente para a elevação da autoestima, o desenvolvimento afetivo e a ampliação da capacidade de interação, promovendo uma adaptação mais saudável à vida em sociedade.

Os estudantes com necessidades educacionais especiais apresentam comportamentos e demandas de aprendizagem singulares, exigindo, portanto, práticas pedagógicas que rompam com mitos e estigmas que ainda distorcem suas reais potencialidades. Para isso, é fundamental oferecer um atendimento educacional flexível, pautado nos interesses, capacidades e limitações desses alunos. No entanto, mesmo diante dos avanços nas pesquisas e nas legislações voltadas à inclusão, muitas instituições de ensino ainda enfrentam desafios significativos para garantir condições adequadas — tanto em termos de infraestrutura física quanto de gestão organizacional, recursos pedagógicos e formação continuada de seus profissionais.

Nesse cenário, valores como empatia, comprometimento, escuta ativa e planejamento coletivo tornam-se essenciais para fortalecer a relação entre educadores, estudantes e famílias. Essa mediação contribui diretamente para a construção de um ambiente escolar acolhedor, que favoreça o desenvolvimento integral dos alunos e torne a aprendizagem mais significativa e prazerosa.

Partindo dessa perspectiva, considera-se que os estudantes da Educação Especial podem se beneficiar amplamente do ensino de Artes em contextos integrados. O ensino de Artes, quando conduzido de forma dinâmica e adaptável, tem potencial para ir além da simples integração, favorecendo uma verdadeira inclusão por meio da interação significativa no processo de aprendizagem. Assim, esta revisão tem como objetivo investigar publicações científicas e acadêmicas que abordam a aproximação entre o ensino inclusivo de Artes e os espaços escolares, buscando compreender de que forma essa relação pode contribuir para o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos com deficiência.

É essencial reconhecer que a Arte constitui uma função natural do ser humano, presente em todas as pessoas. No entanto, é importante compreender que indivíduos com deficiência não apresentam um padrão homogêneo de capacidades quanto à aprendizagem, autonomia, habilidades sociais ou estabilidade emocional. Nesse sentido, é necessário promover ações e reflexões que reconheçam os benefícios da arte, considerando essa diversidade.

A criança com deficiência intelectual, por exemplo, enfrenta dificuldades no desenvolvimento de abstrações e generalizações. Diante disso, a escola deve planejar estratégias metodológicas que favoreçam a convivência e a atuação nos diferentes contextos sociais. Isso exige, por parte da educação, o conhecimento das especificidades do desenvolvimento humano, bem como uma abordagem que valorize as potencialidades do sujeito, propondo desafios que visem à conquista progressiva da autonomia, mesmo frente às limitações.

Apesar de, nas últimas décadas, haver um movimento social mais positivo voltado à

formação de sujeitos com deficiência intelectual, ainda persiste, por parte de muitos segmentos da sociedade e das instituições educacionais, uma postura que subestima suas capacidades.

As contribuições de Vygotsky (1987), desenvolvidas no início do século XX, continuam atuais e relevantes. O autor compreende o desenvolvimento como um processo cultural, argumentando que todo o funcionamento humano tem origem e se transforma nas relações sociais. Com isso, recusa a ideia de estabelecer limites fixos a partir da deficiência. Para Vygotsky, a plasticidade do funcionamento humano, aliada à qualidade das experiências concretas vividas em grupo, possibilita avanços significativos na formação do indivíduo, inclusive daqueles com alguma deficiência. O autor destaca ainda que as funções psíquicas superiores são mais educáveis que as elementares, sobretudo porque estas últimas tendem a estar diretamente comprometidas por fatores orgânicos, enquanto as primeiras estão sob forte influência das interações sociais e culturais.

Todos possuem a capacidade de aprender e de desenvolver, em algum grau, habilidades artísticas, sociais e de construção do conhecimento humano. A arte, nesse processo, atua como um potente instrumento de estimulação da cognição — com ou sem a presença de deficiência — ao favorecer a expressão criativa e a interação com o mundo. Esse desenvolvimento pode contribuir para o fortalecimento do senso de responsabilidade, do cuidado consigo e do relacionamento com os outros.

A arte estimula a cognição e a capacidade de aprender ao permitir que o indivíduo ouse, explore, experimente, invente e sonhe, sem receio de errar, revelando novas potencialidades. Para que a aprendizagem ocorra, é necessário observar, conhecer a imagem e, a partir disso, contextualizá-la e atribuir-lhe significado. Esse processo envolve atenção, percepção, memória, raciocínio, imaginação, pensamento e afetividade — elementos essenciais para o ato de conhecer e aprender.

Segundo Piaget, “a aprendizagem é o aumento do conhecimento”, uma reestruturação da estrutura cognitiva do indivíduo por meio da reorganização de seus esquemas mentais de assimilação. Diante disso, surge uma reflexão: qual é a relação entre cognição e deficiência intelectual ou atraso cognitivo, considerando que essas condições podem comprometer significativamente a autonomia de um sujeito, levando-o à dependência da sociedade?

Nesse contexto, a escola assume um papel essencial como pilar das mudanças necessárias frente a essas limitações. Ela pode se tornar um espaço em que as ciências deixam de ser meramente informativas e passam a ser catalisadoras de um conhecimento capaz de transformar comportamentos e promover qualidade de vida.

Esses questionamentos nos remetem a diversas teorias que apontam que mudanças de comportamento só se tornam efetivamente positivas quando há conhecimento sobre as diferentes fases do desenvolvimento humano. Somente assim é possível promover avanços nas áreas da motricidade, socialização e cognição verbal — não limitando a aprendizagem à linguagem formal, mas ampliando-a por meio de expressões sensoriais, visuais, corporais e artísticas, ainda pouco exploradas, mas altamente eficazes.

Sabemos que a deficiência intelectual é um termo utilizado para descrever limitações no funcionamento cognitivo e nas habilidades adaptativas de um indivíduo, especialmente em aspectos mentais e sociais. Crianças com essa condição geralmente necessitam de mais tempo para atingir marcos importantes do desenvolvimento, como caminhar, falar, adquirir autonomia e se adaptar ao ambiente escolar. No entanto, a maioria delas é plenamente capaz de aprender e realizar diversas atividades relacionadas ao seu bem-estar e à sua integração familiar, escolar e social — desde que respeitado seu ritmo de aprendizagem.

No processo educativo de crianças e jovens, é essencial que vivenciem e compreendam a função primordial da arte: expressar e comunicar experiências ligadas ao seu convívio sociocultural. Cabe a nós, educadores, estarmos atentos aos conhecimentos, interesses e experiências que esses alunos trazem para a sala de aula, utilizando essas informações como ponto de partida para a construção significativa do saber.

Dispomos de um vasto repertório de possibilidades para esse fim, e entre elas destaca-se o incentivo à produção artística como meio de expressão, criatividade e desenvolvimento integral. Ao explorar o "fazer artístico", proporcionamos às crianças e jovens oportunidades de se expressarem de forma autêntica, especialmente quando são desafiados de maneira adequada e estimulante.

As aulas voltadas às artes — como as de desenho, pintura, redação, leitura e outras formas expressivas — devem ter um enfoque direcionado ao desenvolvimento da aprendizagem e do conhecimento. As propostas pedagógicas precisam provocar o aluno a pesquisar, observar, experimentar, imaginar e refletir, estimulando sua percepção e sensibilidade. Quanto mais experiências significativas forem vivenciadas, mais ricas e carregadas de sentidos serão suas produções — em forma de desenhos, pinturas, esculturas, modelagens, construções e outras linguagens.

O universo artístico é vasto e contempla múltiplas formas de linguagem. No campo educacional, todo projeto de ensino de arte deve ser entendido como um sistema aberto e dinâmico, que leve em conta o contexto sociocultural da comunidade escolar, as especificidades de cada linguagem artística, bem como as particularidades dos professores e, sobretudo, dos estudantes.

Ao trabalhar com a Arte, ela se apresenta como uma linguagem multifacetada, que se expressa por meio de diversas manifestações, como a dança, a música, a pintura, a escultura, o teatro, entre outras. Em todas as suas formas — sejam elas dinâmicas ou estáticas — a arte comunica ideias e sentimentos, sempre trazendo algo a dizer, a revelar, a provocar. É uma linguagem que desperta sensações, instiga a reflexão e frequentemente nos deixa com o desejo de experimentar mais, de aprofundar a vivência artística.

A linguagem visual, por exemplo, abrange diversas formas de expressão — das tradicionais, como pintura, escultura, desenho e gravura, às contemporâneas, como fotografia, cinema, vídeo, instalações e produções digitais. O ensino da arte, ao proporcionar um espaço sistematizado de construção de conhecimento, contribui significativamente para a formação estética e crítica dos estudantes. É na articulação entre o fazer, o conhecer, o expressar e o criar que ocorre a produção do conhecimento artístico e visual.

Ao desenhar, pintar, esculpir ou organizar formas no espaço, o indivíduo dá forma à sua história, estrutura seu pensamento e traduz sentimentos em linguagem visual. Nesse processo, estão presentes elementos como a leitura e compreensão de imagens, a organização do pensamento, a atribuição de significados e a expressão da própria trajetória pessoal e social.

É importante destacar que as histórias de vida são singulares, e, por isso, as formas de expressão visual também são diversas, exigindo que o processo educativo acolha essa multiplicidade. A arte, ao permitir vivências criativas, torna-se uma ferramenta poderosa de inclusão. Suas práticas, quando bem orientadas, podem transformar o processo de aprendizagem em algo prazeroso, desafiador e significativo, rompendo barreiras de exclusão e promovendo o protagonismo de todos os estudantes.

No contexto da sala de aula, a socialização se intensifica por meio do compartilhamento de materiais e da observação dos trabalhos dos colegas, o que favorece o aprendizado por meio da cooperação e da integração. Essa convivência proporciona segurança emocional e fortalece vínculos, permitindo que o aluno confie no grupo ao qual pertence e se sinta encorajado a dialogar sobre suas limitações. Esse processo contribui para a superação de diversas barreiras, especialmente no que diz respeito à aceitação dentro do coletivo.

A pessoa com deficiência, assim como qualquer outro estudante, precisa expressar seus sentimentos de forma singular e pessoal. A ausência de atividades artísticas pode comprometer seu equilíbrio emocional. Por outro lado, quando bem conduzidas, essas atividades favorecem o fortalecimento da autoestima, o desenvolvimento afetivo e a ampliação da capacidade de expressão, relação interpessoal e adaptação à vida em sociedade.

Sob essa perspectiva, a arte se torna uma proposta pedagógica transformadora, desde que o arte-educador esteja disposto a

vivenciar, ele próprio, o processo criativo que propõe aos alunos. Ao experimentar desenhar, modelar ou pintar seus próprios medos, frustrações e bloqueios, o educador amplia sua sensibilidade e compreensão das experiências subjetivas do estudante. É essencial que ele reconheça, antes de tudo, o aluno como um ser humano integral, com desejos, medos, alegrias, angústias, fantasias e sonhos — assim como qualquer outro. Esse reconhecimento, que ultrapassa o olhar limitado à deficiência, é o primeiro passo para a verdadeira inclusão. Aceitar o estudante em sua totalidade é aceitá-lo como ser humano. Os conteúdos da arte oferecem aos alunos uma vivência sensível e lúdica, capaz de provocar autoconhecimento, compreensão do outro e do mundo ao seu redor. Reconhecer suas limitações é parte do processo, mas ainda mais importante é quando descobrem, por meio da arte, suas inúmeras capacidades.

A arte, em sua essência, revela um mundo em constante transformação e, ao fazê-lo, permite que os estudantes se reconheçam como sujeitos capazes de transformar a si mesmos e, principalmente, a sociedade da qual fazem parte. São autores de suas próprias linguagens, discursos e realidades.

Segundo Martins (2002), o educador desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem da criança, sendo o responsável tanto pela mediação das informações disponíveis quanto pela criação de estratégias que tornem esse encontro com o conhecimento significativo, sensível e prazeroso. Cabe a ele conduzir a criança a um universo repleto de magia, cores, imaginação, criatividade, valores, expressão, movimento, linguagem e compreensão do mundo, contribuindo de forma enriquecedora para seu desenvolvimento e aprendizado.

Ainda hoje, há uma carência significativa de professores de arte capacitados para atuar com estudantes com deficiência. Muitas vezes, a abordagem se limita a um viés terapêutico, desconsiderando o valor histórico e cultural da arte como linguagem formadora e emancipadora. Essa limitação reduz a potência da prática artística no ambiente escolar.

A falta de vivência e formação na área artística torna o trabalho pedagógico desafiador. É importante compreender que arte não é adestramento para o artesanato — assim como o ensino não é mera repetição mecânica. A arte é, antes de tudo, expressão, criatividade, pensamento, conhecimento, cultura, percepção e sentimento — elementos fundamentais para a formação do aluno não apenas como estudante, mas como ser humano pleno.

O papel da arte na educação está diretamente relacionado aos aspectos artísticos e estéticos do conhecimento. Ao utilizar diferentes linguagens para expressar sua visão de mundo, o estudante dá forma e cor a ideias antes restritas à imaginação, tornando a arte uma ferramenta essencial no ambiente escolar. Produzir arte e refletir sobre ela exige um modo próprio de pensar, agir e perceber — um exercício de sensibilidade, empatia e troca. As experiências estéticas são, por natureza, singulares e subjetivas; justamente por isso, tornam-se ricas e potentes, ainda que vulneráveis frente a outras áreas do conhecimento. Cada linguagem artística mobiliza uma forma específica de pensamento e ação, possibilitando ao ser humano compreender e transformar o mundo à sua volta.

Nesse processo, o professor deve assumir o papel de mediador, oferecendo caminhos para que os alunos possam explorar e expressar sua criatividade com liberdade, evitando interferências excessivas. Quando atua como facilitador das investigações dos estudantes, acolhendo suas propostas e incentivando sua autonomia, o educador promove uma aprendizagem significativa e construída de forma colaborativa. Contudo, é preciso reconhecer o momento certo de intervir, especialmente quando o aluno demonstra dificuldades em avançar sozinho. Nesses casos, a intervenção deve ser planejada com qualidade, abrangendo um repertório diversificado de referências, técnicas e possibilidades de produção artística.

É essencial que o planejamento pedagógico considere a heterogeneidade da turma, adotando uma perspectiva inclusiva e igualitária, que respeite o direito de todos — com ou sem deficiência. Isso não significa ignorar as deficiências, mas sim compreender as especificidades de cada estudante e promover adaptações que favoreçam sua participação e desenvolvimento. Ao lidar com as diferen-

ças, o professor amplia o universo criador da sala de aula e flexibiliza seu planejamento, reinventando estratégias conforme as necessidades dos alunos.

Por meio da interação com objetos, materiais e com o próprio ambiente, os estudantes conectam vivências passadas com experiências atuais, mobilizando a imaginação e a fantasia para expressar desejos e transformar a realidade. Nesse contexto, o professor deixa de ser apenas um transmissor de conteúdos para se tornar um mediador do conhecimento, reconhecendo o aluno como protagonista de sua própria aprendizagem. Para isso, também precisa ser curioso, buscar novos significados para sua prática e estimular seus alunos a fazer o mesmo.

Assim, o docente assume o papel de aprendiz permanente, construtor de sentidos, organizador da aprendizagem e agente de transformação. É sua responsabilidade buscar meios criativos de ensinar — estratégias que despertem a curiosidade dos alunos, incentivem a pesquisa, a reflexão e a construção de relações com o conhecimento. Quando o estudante não compreende a conexão entre o que aprende e o legado cultural e histórico da humanidade, tende a se afastar da aprendizagem, tornando-se resistente e indiferente. Por isso, cabe ao educador construir pontes entre o conteúdo e a realidade dos alunos, tornando o aprendizado significativo, envolvente e transformador.

A aprendizagem só acontece quando há desejo de aprender e quando o conhecimento adquirido faz sentido para o sujeito. No contexto da inclusão, o professor comprometido com uma prática verdadeiramente inclusiva planeja suas aulas e conduz suas atividades considerando a diversidade humana e respeitando as singularidades de cada aluno.

A Arte, por sua natureza subjetiva, desempenha um papel fundamental na educação especial, especialmente nos casos em que a linguagem verbal encontra limites. Por meio das expressões artísticas, processos internos e subjetivos podem ser externalizados e traduzidos em formas compreensíveis no mundo objetivo. Diante disso, não se pode mais admitir, no espaço escolar, atitudes de indiferença, desigualdade ou egoísmo que reforcem preconceitos e exclusões.

Como educadores comprometidos e inquietos diante das injustiças, mesmo diante de obstáculos, buscamos mobilizar todos os recursos possíveis para garantir aos nossos alunos uma educação acolhedora, ética, digna e de qualidade. A presença de estudantes com deficiência não pode ser apenas uma exigência legal: é necessário reconhecer suas potencialidades e oferecer oportunidades reais de crescimento, tanto no campo cognitivo quanto no social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas leituras realizadas, esta pesquisa nos permite concluir que a presença da Arte nos currículos escolares exerce um papel essencial na formação integral dos sujeitos, ao proporcionar o contato com diferentes manifestações culturais, estimular o autoconhecimento e promover a valorização das expressões artísticas ao longo da história e em diferentes contextos socioculturais. Esse processo contribui para a ampliação da visão de mundo, o enriquecimento do repertório estético e o desenvolvimento da capacidade de leitura de imagens — competência fundamental em uma sociedade marcadamente visual, como a contemporânea, que tende a marginalizar aqueles que não compartilham dessas mesmas formas de percepção.

A Arte Educação, por sua natureza expressiva, plástica e interativa, assume grande relevância na formação de estudantes com deficiência, pois estimula o desenvolvimento de suas potencialidades e favorece a interação com o meio que os cerca. Muitas vezes, é no ambiente escolar que a criança com necessidades educacionais especiais encontra espaço para exercer sua autonomia e independência, especialmente em contextos onde, por excesso de cuidado ou desinformação familiar, essas possibilidades não são plenamente reconhecidas ou estimuladas.

O ensino de Artes abrange diversas temáticas e modalidades, promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, da criatividade, da percepção sensível, da expressividade corporal, das múltiplas linguagens e dos vínculos afetivos. Também contribui para o respeito à diversidade cultural em contextos marcados pelas interações sociais. No ambiente escolar, a arte se manifesta por meio da dança, do teatro, da

música, dos jogos, do desenho, entre outras formas de expressão que fortalecem a relação entre o sujeito e o coletivo no processo de construção do conhecimento.
Reconhecer a importância do ensino de Artes coloca o professor em constante processo de transformação e a escola como um espaço privilegiado de formação humana, ao oferecer experiências que estimulem o potencial criativo dos estudantes. No contexto da Educação Especial, o ensino de Artes precisa estar ainda mais alinhado à realidade social dos educandos, e sua efetivação requer formação docente específica, materiais pedagógicos acessíveis, apoio especializado e políticas públicas comprometidas com a inclusão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA , Cláudia Zamboni. As relações Arte/tecnologia no ensino da arte.

In: PILLAR, Analice Dutra (org.). A Educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Mediação. 1999.

_____. Caro Professor...(I). Jornal Correio Popular, Campinas-SP, 03 de outubro 1999.

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves. Multiculturalidade e um Fragmento da História da Arte/Educação Especial. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BARBOSA, A. M. Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. In: Conceitos e Terminologias. Aquecendo uma transforma-ação. Atitudes e Valores no Ensino da Arte. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003

DUARTE Jr., João Francisco. Por que Arte Educação? 3.ed. Campinas: Papirus, 1986.
GALVÃO, Izabel. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOFFMAN. E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

KNOENER, Vânia. Educação artística: mediação entre o conhecimento de arte e o educando. [S.l.: s.n.], 2006.

LE BOULCH, Jean. Educação Psicomotora: Psicocinética na idade escolar. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1987.

MARTINS, Alice F. As artes visuais e a educação inclusiva. In: Arte sem barreiras. Educação – Arte – Inclusão. Edição Especial. Anais do 1º Congresso Internacional, 2002, v.1.

OSÓRIO. A inclusão e integração. Jornal do MEC, Brasília, Ano XI, no. 7, p.9.

PEREIRA. Princípio de normatização e integração na educação de excepcionais. In: Educação especial atuais desafios. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

PIAGET, Jean. A linguagem e o pensamento da criança. Lisboa: Moraes, 1977.

SANTOS, Boaventura de Souza. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SITTA, Marli Susana Carrard; POTRICH, Cilene Maria. Teatro: espaço de educação, tempo para sensibilidade. Passo Fundo: UPF Editora, 2005.

VIGOTSKY, L.S. A Formação social da mente. Traduzido por Jefferson Luis Camargo – São Paulo: Martins Fontes, 1997.